

Até quem sabe a voz do dono
Gostava do dono da voz
Casal igual a nós,
de entrega e de abandono
De guerra e paz, contras e prós

Fizeram bodas de acetato - de fato
Assim como os nossos avós
O dono prensa a voz,
a voz resulta um prato
Que gira para todos nós

O dono andava com outras doses
A voz era de um dono só
Deus deu ao dono os dentes,
Deus deu ao dono as nozes
Às vezes só deu seu dó

Porém a voz ficou cansada após
Cem anos fazendo a santa
Sonhou se desatar de tantos nós
Nas cordas de outra garganta

A louca escorregava nos lençóis
Chegou a sonhar amantes
E, rouca, regalar os seus bemóis
Em troca de alguns brilhantes

Enfim, a voz firmou contrato
E foi morar com novo algoz
Queria-se pensar,
queria ser um prato
Girar e se esquecer, veloz

Foi revelada na assembléia - atéia
Aquele situação atroz
A voz foi infiel
trocando de traquéia
E o dono foi perdendo a voz

E o dono foi perdendo a linha - que tinha
E foi perdendo a luz e além
E disse: Minha voz,
se vós não sereis minha
Vós não sereis de mais ninguém

(O que é bom para o dono é bom para a voz)

A Voz Do Dono E O Dono Da Voz
Chico Buarque

Fuvest 1998

A partir da leitura dos textos abaixo, redija uma DISSERTAÇÃO em prosa, discutindo as idéias neles contidas.

(...) o inferno são os Outros.
(Jean-Paul Sartre)

(...) padecer a convicção de que, na estreiteza das relações da vida, a alma alheia comprime-nos, penetra-nos, suprime a nossa, e existe dentro de nós, como uma consciência imposta, um demônio usurpador que se assenhoreia do governo dos nossos nervos, da direção do nosso querer; que é esse estranho espírito, esse espírito invasor que faz as vezes de nosso espírito, e que de fora, a nossa alma, mísera exilada, contempla inerte a tirania violenta dessa alma, outrem, que manda nos seus domínios, que rege as intenções, as resoluções e os atos muito diferentemente do que fizera ela própria (...)

(Raul Pompéia)

“Os outros têm uma espécie de cachorro farejador, dentro de cada um, eles mesmos não sabem. Isso feito um cachorro, que eles têm dentro deles, é que fareja, todo o tempo, se a gente por dentro da gente está mole, está sujo ou está ruim, ou errado... As pessoas, mesmas, não sabem. Mas, então, elas ficam assim com uma precisão de judiar com a gente...”

(João Guimarães Rosa)

(...)
experimental
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

(Carlos Drummond de Andrade)

Os Insetos Interiores
O Teatro Mágico
(Fernando Anitelli)

Notas de um observador:

Existem milhões de insetos alámicos.
Alguns rastejam, outros poucos correm.

A maioria prefere não se mexer.

Grandes e pequenos.

Redondos e triangulares,
de qualquer forma são todos quadrados.
Ovários oriundos de variadas raízes radicais.

Ramificações da célula rainha.

Desprovidos de asas não voam nem nadam.

Possuem vida, mas não sabem.

Duvidam do corpo,
queimam seus filmes e suas floras.

Para eles, tudo é capaz de ser impossível.

Alimentam-se de nós, nossa paz e ciência.

Regurgitam assuntos e sintomas.

Avoam e bebericam sobre as fezes.

Descansam sobre a carniça,
repousam-se no lodo,

lactobacilos vomitados sonhando espermatozóides que não são.

Assim são os insetos interiores.

A futilidade encarrega se de maestra-los.

São inóspitos, nocivos, poluentes.

Abusam da própria miséria intelectual,
das mazelas vizinhas, do câncer e da raiva alheia.

O veneno se refugia no espelho do armário.

Antes do sono, o beijo de boa noite.

Antes da insônia, a benção.

Arriscam a partilha do tecido que nunca se dissipa.

A família.

São soníferos, chagas sem curas.

Não reproduzem, são inférteis, infiéis, “infértebrados”.

Arrancam as cabeças de suas fêmeas,

Cortam os troncos,

Urinam nos rios e nas somas dos desagavos, greves e
desapegos.

Esquecem-se de si.

Pontuam-se

A cria que se crie, a dona que se dane.

Os insetos interiores proliferam-se assim:

Na morte e na merda.

Seus sintomas?

Um calor gélido e ansiado na boca do estômago.

Uma sensação de: o que é mesmo que se passa?

Um certo estado de humilhação conformada o que parece bem vindo e quisto.

É mais fácil aturar a tristeza generalizada

Que romper com as correntes de preguiça e mal dizer.

Silenciam-se no holocausto da subserviência

O organismo não se anima mais.

E assim, animais ou menos assim,

Descompromissados com o próprio rumo.

Desprovidos de caráter e coragem,

Desatentos ao próprio tesouro...caem.

Desacordam todos os dias,

não mensuram suas perdas e imposturas.

Não almejam, não alma, já não mais amor.

Assim são os insetos interiores.

O filósofo e psicólogo William James chamou a atenção para o grau em que nossa identidade é formada por outras pessoas: são os outros que nos permitem desenvolver um sentimento de identidade, e as pessoas com as quais nos sentimos mais à vontade são aquelas que nos “devolvem” uma imagem adequada de nós mesmos (...)

(Alain de Botton)